



Recebido em:
05/08/2017
Aprovado em:
06/08/2017
Editor Respo.: Veleida
Anahi
Bernard Charlort
Método de Avaliação:
Double Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi:

A EJA COMO ESPAÇO DE INCLUSÃO E ACESSO A CONHECIMENTOS AMBIENTAIS PARA UMA FORMAÇÃO CIDADÃ

VANGIVALDO DE MENEZES SOUZA
ALICIO RODRIGUES MATOS
LELIANA SANTOS DE SOUSA

EIXO: 4. EDUCAÇÃO E INCLUSÃO

RESUMO

O artigo discute a formação de conhecimentos ambientais junto a alunos da EJA, do Colégio Municipal de Cravolândia, num processo de inclusão social e acesso à cidadania. Definimos como problemática verificar se a temática ambiental é inserida no contexto formativo desses alunos. O objetivo é compreender como ocorre a formação do trabalhador rural, aluno da EJA, numa perspectiva de inclusão sobre conhecimentos ambientais. Buscamos informações nos PCNs Meio Ambiente e Saúde (1997), Freire (2001, 2010, 2016), Line (2014), Silva (2016), entre outros. Utilizamos a abordagem qualitativa. Os resultados trazem a compreensão de que os alunos passam a ser atores de uma aprendizagem ressignificada, construída mediante interação de quem aprende e ensina e de quem ensina também aprende num processo colaborativo de inclusão sobre as questões socioambientais.

Palavras-chave: Inclusão. Educação de Jovens e Adultos. Meio Ambiente e Cidadania.

SUMMARY

The article discusses the formation of environmental knowledge among EJA students, of the Municipal College of Cravolândia, in a process of social inclusion and access to citizenship. We define as a problem to verify if the environmental theme is inserted in the formative context of these students. The objective is to understand how the formation of the rural worker, student of the EJA, occurs in a perspective of inclusion on environmental knowledge. We sought information in the PCNs Environment and Health (1997), Freire (2001, 2010, 2016), Line (2014), Silva (2016), among others. We use the qualitative approach. The results bring to the understanding that students become actors of a resinified learning, built through the interaction of those who learn and teach and who teaches also learns in a collaborative process of inclusion on social and environmental issues.

Keywords: Inclusion. Youth and Adult Education. Environment and Citizenship.

A EJA COMO ESPAÇO DE INCLUSÃO E ACESSO A CONHECIMENTOS AMBIENTAIS PARA UMA FORMAÇÃO CIDADÃ

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os caminhos que levam a exclusão são amplos e demarcados desde a educação básica, quando por reprovação e desistência, muitos adolescentes se tornam jovens e adultos com grande defasagem idade série, tendo que recorrer às turmas da Educação de Jovens e Adultos, para construção de conhecimentos formais. Esses jovens, adultos e alguns já idosos, embora cidadãos de direitos vivem em completa situação de desigualdade social acentuada pela disparidade educacional e sociocultural, de forma que a presença do estado ainda não se mostrou efetiva na vida dessas pessoas.

Em nossa experiência na EJA vimos constatando que muitos desses alunos vivem a condição do subemprego, geralmente quando urbano, executam atividades consideradas de menor prestígio social, por não oferecer ao cidadão, remuneração justa, garantias de direitos trabalhistas, ou condições mínimas de segurança, ou de ascensão social. Outra parte desse público tem vivência rural e diariamente assumem diferentes atividades laborais, dentre elas à prática de atividades agrícolas, estabelecendo uma relação direta com o meio ambiente e com esses espaços.

A forma como esses trabalhadores rurais lidam com a natureza, muitas vezes tem demonstrado agravantes que colaboram para os processos de degradação ambiental, quando estes realizam as queimadas, provocam erosão, poluem os rios, desmatam, caçam indiscriminadamente, utilizam agrotóxicos nas práticas agrícolas, favorecendo processos de contaminação do solo, das plantas, da água e morte das micro vidas presentes no solo, ou a contaminação do seu próprio organismo.

Diante das considerações, levantamos o seguinte questionamento: Os alunos da EJA, tem acesso as informações ambientais, como processo formativo de saberes e inclusão pelo conhecimento, para o exercício da cidadania Para responder estas questões levamos em consideração concepções e entendimentos dessa questão a partir das referências: PCNs Meio Ambiente e Saúde (1997), Freire (2001, 2010, 2016), Line (2014), Silva (2016), enquanto processos de revisitação documental dos parâmetros curriculares e da literatura pertinente; emergindo daí o objetivo de compreender como se dá o processo de formação do trabalhador rural do aluno da EJA, numa perspectiva de inclusão sobre conhecimentos ambientais, nos municípios de Cravolândia-BA.

Consideramos este estudo concernente à observação de atitudes de consumo e exploração que o homem faz da natureza, contribuindo para sua degradação tornando-se necessário pensar esse sujeito, na busca por uma formação em EJA e na inserção de conteúdos ambientais para construção de valores, inclusão e formação cidadã.

O trabalho está estruturado em introdução que busca situar o leitor no contexto geral do tema abordando, a condição do aluno da EJA, a problemática e objetivo de pesquisa. Em seguida, os procedimentos metodológicos evidenciam os caminhos de execução da pesquisa, a caracterização do sujeito e da escola pesquisada, tornando possível estabelecer um caminho reflexivo para demonstração dos resultados e a conclusão do estudo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS, CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS E LÓCUS DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada no mês de abril de 2017, no Colégio Municipal de Cravolândia, no período noturno, com 12 alunos e 06 professores da EJA de diferentes disciplinas que lecionam na turma do Ensino Fundamental, séries finais. Os alunos entrevistados na pesquisa em maioria são moradores da zona rural, trabalhadores da agricultura, que se deslocam para a sede do município à noite utilizando o transporte do Programa Federal Caminho da Escola. Esses alunos com características jovens buscam completar seus estudos, cujo abandono do ensino regular se justifica seja pela defasagem idade série, seja porque precisou deixar a escola para trabalhar e/ou ainda compartilham da visão da EJA como uma oportunidade de completar o ensino fundamental de forma mais rápida.

Os professores entrevistados possuem formação superior, alguns licenciados em pedagogia e outros em disciplinas específicas. Esses profissionais do quadro efetivo do município atuam também na docência com alunos do diurno. A escola é caracterizada como unidade de ensino de médio porte, fica localizada na sede do município de Cravolândia, com oferta de ensino nos três turnos, sendo o noturno na modalidade EJA.

O caminho a ser percorrido nesta pesquisa foi uma abordagem qualitativa que sob nosso olhar é uma forma de investigação científica centrada no modelo de análise subjetiva dos sujeitos investigados, a qual fornece condições de um estudo que valoriza as especificidades de valores sociais, sem um rigor a quantificação, pois buscam entender também fenômenos através de suas motivações e aspirações. Segundo Minayo (2001),

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2001, p. 21)

A partir dessa reflexão percebemos a grande importância da pesquisa qualitativa que propicia um universo mais ampliado de conhecimento, permitindo apreender dados através de uma análise mais subjetiva, subsidiando o estudo de forma mais abrangente de experiências dos sujeitos nos seus espaços de vivências.

Como procedimentos técnicos utilizamos uma pesquisa de campo, que melhor se identificava com o tema, ambiente, os sujeitos e suas implicações, por fornecer informações necessárias através do contato direto com o investigado no seu local de atuação, o que faz emergir dados antes não pensados. De acordo Duarte (2002, p. 140) “De modo geral, durante a realização de uma pesquisa algumas questões são colocadas de forma bem imediata, enquanto outras vão aparecendo no decorrer do trabalho de campo”. Esta situação se evidenciou na prática com o estudo documental e bibliográfico realizado onde obtivemos algumas informações, mas que conseguimos a revelação de aspectos fundamentais para o estudo a partir da pesquisa de campo.

Para a coleta de dados utilizamos a entrevista semiestruturada que de acordo Gerhardt et al. (2009), o questionário é organizado pelo pesquisador de forma que possa haver possibilidade de flexibilidade e espaço para outras questões no qual o entrevistando possa abordar outros enfoques sobre a temática estudada, ficando o pesquisador com maior liberdade para coleta de dados, de modo que possa até incentivar no maior aprofundamento das questões.

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS INCLUSÃO E CIDADANIA

Quando pensamos na educação de jovens e adultos, não devemos pensar apenas como um processo de aquisição de leitura escrita. Esse modelo de educação tem também como função social a inclusão. Permitir que os jovens e adultos se apropriem de conhecimentos é permitir a construção democrática e emancipadora da cidadania, que favorecem outras possibilidades de contemplação, sobretudo no mundo do trabalho, nas relações sociais, no viés do crescimento econômico e consumo, no desenvolvimento humano, cultural e conhecimentos ambientais. Para Guedes et al., (2013) a construção desses conhecimentos deve ser voltada para que o indivíduo possa estar ativo a resolver os problemas que surgem na sua realidade específica.

No campo da EJA, além do compromisso cultural e humano, o aluno precisa ser estimulado a desenvolver, postura crítica, ética, além de intelectual. Desta forma esse estará demarcando seu espaço de luta e resistência com autonomia, postura individual ou coletiva frente às questões ambientais que os potencialize a interagir e intervir junto a sua realidade social de modo qualitativo a superar os desafios impostos pela condição de sobrevivência. O aluno da EJA em sua maioria é trabalhador, que não obstante saberes oriundos de sua experiência de vida, contrastando com pouca escolaridade e a evidencia de grandes dificuldades em leitura, compreensão e escrita.

Segundo (GEUDES et al., 2013, p. 52) “O tema meio ambiente e sustentabilidade, portanto, deve permear todos os níveis de ensino” [...], daí a necessidade de inclusão desses sujeitos nesse processo de aprendizagem, para que exerçam a sua cidadania plena, com consciência da sociedade em que vivem, das relações sociais ambientais e econômicas que estabelecem, de práticas diárias mais conscientes e menos agressivas ao meio ambiente, numa compreensão mais ampla de ocupação do seu espaço como cidadão, como ator social, que ajuda a dinamizar a sociedade.

Ainda nesta compreensão esta é o papel da escola que segundo Silva et al., (2005), a classifica como:

[...] espaço privilegiado de construção de conhecimentos e de envolvimento de valores, deve ter como uma de suas propostas contribuir para a transformação da sociedade no sentido de torná-la menos desigual e mais democrática. Um espaço democrático por direito deve refletir sobre formas de inclusão social, de modo que os sujeitos participem de seu grupo social e usufruam as possibilidades que as instituições e o Estado oferecem. Nesse contexto, a escola deve viabilizar a construção de culturas, políticas e práticas inclusivas (SILVA et al., 2005, p. 1, 2).

É certo que o conhecimento gera mudanças de atitudes e isso reflete significativamente na postura do indivíduo no meio social, na família, na comunidade convergindo à sociedade principalmente no mundo do trabalho, emprego e renda de maneira a se configurar no sentido da economia local como índice de desenvolvimento humano. O contrário, aliado a falta de participação social oprime o cidadão e o torna vítimas escravizadas da sua condição social.

Segundo Freire (2001, p.45): [...] “faz necessário, neste exercício, lembrar que cidadão significa indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado e que cidadania tem que ver com a condição de cidadão, quer dizer, com o uso dos direitos e o direito de ter deveres de cidadão.”

Assim, percebemos que a intenção de inclusão está como prioridade e a aprendizagem se efetivará em razão do direcionamento da intenção. O ato de aprender precisa estar direcionado para a interação inclusiva. Uma ação consciente reflete futuras ações de liberdade, remeterá o sujeito a outras repetições e sucessivas mudanças. Segundo Paulo Freire, (2010).

No momento em que os indivíduos, atuando e refletindo, são capazes de perceber o condicionamento de sua percepção pela estrutura em que se encontram sua percepção muda, embora isto não signifique ainda a mudança de estrutura. Mas a mudança da percepção da realidade, que antes era vista como algo imutável, significa para os indivíduos vê-la como realmente é: uma realidade histórica cultural, humana, criada pelos homens e que pode ser transformada por eles [...]. (FREIRE, 2010, p. 50).

Diante dessa reflexão, percebemos que a condição humana é mutável, pela capacidade que tem o ser de se auto perceber, sobre influências externas e a partir daí romper as barreiras que lhes são impostas por uma sociedade culturalmente construída por valores sociais que tendem a condicionar os mais fracos a pensamentos de impossibilidades, inculcadas pelo medo.

CONHECIMENTO AMBIENTAL, INCLUSÃO E ATIVIDADES DA VIDA DIÁRIA

A desigualdade social e a pobreza associada à condição do analfabetismo, sempre foram os grandes vilões que afastaram o homem de um contexto de interação social mais harmônico. Geralmente a sociedade se acostumou com a ideia de ver os mais pobres continuarem analfabetos, - mas não devia!- essa visão quando associada ao trabalhador rural, que exerce a prática da agricultura como atividade da vida diária, não apenas tem sido fator de exclusão, como também incompreensão de uma relação menos exploratória, desequilibrada e descuidada com os espaços naturais.

Os espaços naturais brasileiros sempre foram explorados das mais variadas formas em diferentes regiões, cidades e áreas rurais do país, normalmente tem suas configurações modificadas, com práticas de exploração que vão desde aberturas de áreas para construção de estradas, crescimento urbano, construção de grandes indústrias, práticas da agricultura, além de outras ações humanas que incluem a poluição, o lixo, o uso de produtos químicos no solo. Line (2014), ao tratar da educação ambiental e inclusão social nos diz que:

Não é de hoje que observamos um grande aumento na exploração dos recursos naturais, esse assunto teve seu desencadeamento com o desenvolvimento de novas tecnologias a partir da revolução industrial, que levou ao surgimento do nosso atual modelo capitalista. O uso inconsequente e desenfreado dos recursos naturais, movido para satisfazer o consumo humano, teve como consequência diversas transformações ambientais, as quais influenciam direta e indiretamente em nossas vidas, como a extinção de espécies, o aparecimento de animais silvestres em locais urbanos, pragas, doenças, o esgotamento de recursos naturais e tantos outros (LINE et al. 2014, p. 195).

Os diferentes recursos tecnológicos hoje fazem parte dos mais amplos espaços de produção. A configuração social do sujeito que faz uso desses, nem sempre correspondem com conhecimentos suficientes que o habilite a essas operacionalizações tecnológicas. Nessa linha, a falta de informação deve ser uma preocupação, já que poderá trazer consequências negativas e impactos para além do ambiente, à saúde e a vida do homem do campo com suas características singulares, pouca escolaridade historicamente negada num processo de exclusão social e de direitos.

A problemática sobre as questões ambientais possuem dimensões amplas e não apenas precisa ser vistas pelo viés científico, mas também, político e social. Neste sentido deve haver um esforço conjunto da humanidade em criar uma compreensão de que os recursos naturais são bens coletivos e sem uma visão integrada, não será possível construir essa relação equilibrada.

Jacobi (2003) nos diz que:

A realidade atual exige uma reflexão cada vez menos linear, e isto se produz na inter-relação dos saberes e das práticas coletivas que criam identidades e valores comuns e ações solidárias diante da reapropriação da natureza, numa perspectiva que privilegia o diálogo entre saberes (JACOBI, 2003, p. 191).

A partir daí percebemos a necessidade de discussões e reflexão em torno das questões ambientais na busca por mudanças da realidade, num processo de inclusão pelo conhecimento aos sujeitos com poucas informações nos discursos e práticas ambientais.

Muitos trabalhadores rurais ainda analfabetos executam a prática da agricultura e adotam como estratégias de limpeza do solo as queimadas, o uso de herbicidas, favorecem o desmatamento, a erosão, a poluição e contaminação do solo, dos rios e dos alimentos com uso de agrotóxicos. Geralmente os conhecimentos que possuem são informais, ensinados dos pais para os filhos quando no auxílio das atividades nas lavouras e isso se constitui como a prática diária nas suas atividades e interação com o ambiente.

Estes impactos poderão ser minimizados por processos formativos de conhecimentos, construído pela escola, como política de inclusão social que ofereça condições para esses sujeitos inseridos na EJA, discutam sua realidade, suas práticas, seu modo de vida e a relação que poderão estabelecer futuramente com o ambiente.

Para Freire (1996) as mudanças são possíveis aos sujeitos, seja ele um aluno da educação de adultos, uma ação sanitária, ou ainda de formação de mão de obra. Para Guedes et al. (2013) é no espaço escolar, durante a aula que o educador, consegue formar saberes ambiental agregados de responsabilidades a sujeitos para o cuidado do ambiente em que vivemos. Nesse cenário a escola deve garantir a inclusão de diferentes processos formativos ao indivíduo. Tornando o campo da EJA espaço formal de possibilidades para absorver, incluir e formar o cidadão.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa buscou compreender junto a um grupo de alunos da EJA, informações sobre temas ambientais, discutidas em sala de aula e a relação desses conhecimentos com as atividades diárias desses alunos no campo do trabalho agrícola, conforme melhor é ilustrado no quadro que segue com as respostas coletivas.

Quadro 1- Respostas Coletivas dos Alunos.

Proposições	Comentários
O tema ambiental é discutido na sala de aula	Sim (8 alunos) Não (4 alunos)
Quais temáticas ambientais são abordadas na sala de aula	Poluição dos rios, queimadas, desmatamento, erosão, lixo, contaminação do solo e da água por agrotóxico.
Quais foram os comportamentos e mudanças a partir do tema	Preservar as árvores, não queimar lixo no quintal, não matar animais do mato, não jogar lixo na rua, valorizar a natureza, não destruir a natureza. Não, porque continuei usando veneno na roça.
Houve influência e conhecimentos preservacionistas para a prática agrícola	Ninguém vai influenciar no meu jeito de plantar. Não, porque continuei usando os agrotóxicos.

Fonte: Elaboração dos pesquisadores 2017.

A partir da análise do quadro acima quanto às proposições da temática ambiental, como processo de inclusão do conhecimento foi possível observar que dos alunos entrevistados, 75% afirmam que ocorreu discussão da temática ambiental em sala, 25% afirmaram que não ocorreu discussão da temática em sala. Com a resposta dos 25% dos alunos cabe uma análise maior e cruzamento de dados com as questões posteriores, para tentar perceber se não houve um entendimento em relação ao questionamento, ou os alunos não tem frequência assídua, ou ainda, não sabe relacionar o conhecimento aprendido na sala de aula com o que foi perguntado pelos pesquisadores. Lembramos aqui da premissa de P. Freire (1967) de que o ensino deve se pautar o quanto mais próximo do contexto concreto do educando, melhor a aprendizagem. A proposta da EJA é pautada na experiência que possibilita conjugar aprendizagem com conscientização.

O professor não pode ficar limitado apenas em trabalhar com determinado conteúdo abstrato na sala de aula, é preciso que os alunos entendam o que está sendo discutido e façam uma relação com sua vivência. No caso da questão ambiental com alunos da zona rural incluídos nestes processos de conhecimento é preciso que sejam estimulados pelo professor a fazer uma relação com a sua prática do cotidiano. De acordo os Parâmetros Curriculares Nacional, Brasil (1997, p.25) [...] “é necessário que, mais do que informações e conceitos, a escola se proponha a trabalhar com atitudes, com formação de valores, com o ensino e aprendizagem de procedimentos. E esse é um grande desafio para a educação.”

Quando questionados sobre temas ambientais trabalhadas na sala de aula, 100% dos alunos entrevistados respondeu pelo menos uma questão como sendo temas ambientais abordados na sala de aula. A partir dessa análise percebemos que 25% dos alunos que afirmou não ter conhecimentos desses assuntos na sala de aula, confirmamos a teoria de que não houve uma compreensão por parte dos alunos sobre a proposição de número (um)1 do questionário.

Na busca por compreender a relação entre atitudes e valores construídos mediante temas ambientais discutidos na sala de aula, 80% dos alunos, afirmou ter desenvolvido alguma mudança de postura e conscientização a partir da sala de aula. Conforme é demonstrado nos seguintes relatos:

Quadro 2 – Fala dos alunos.

Aluno 2. Não joga lixo em qualquer lugar, não boto fogo pra queimar o mato.

Aluno 5. Eu comecei a valorizar a natureza.

Aluno 8. Eu comecei a adotar hábitos de não deixar lixo no fundo da casa, a deixar tudo limpo.

Aluno 12. Depois dos conhecimentos em sala de aula eu aprendi a não jogar lixo na rua porque lixo fica no lixo.

Fonte: Dados da pesquisa.

As práticas descritas pelos alunos da EJA mostram que houve uma apropriação do conhecimento desenvolvido na sala de aula, resultando na construção de valores sócios- ambientais comprometidos com a preservação ambiental e o bem estar de si próprios e dos outros. Quando questionados sobre a influência desses conhecimentos sobre preservação e sua prática diária na agricultura, 70% dos alunos de forma surpreendente, respondeu que não leva em consideração esses conhecimentos ambientais discutidos na sala de aula para suas atividades na agricultura. A tabela abaixo traz de forma individualizada essa afirmação com a fala de alguns alunos.

Tabela 1 – Fala individual dos alunos

ALUNOS	FALAS DOS SUJEITOS
Aluno 5	Não, porque ninguém vai me influenciar no meu jeito de plantar, colher etc.
Aluno 8	Não, porque eu continuei usando veneno nas roças, eu sei que é errado.
Aluno 10	Não, porque fiz queimada no massapé para plantar milho e depois capim.

Fonte: Os autores a partir dos dados da pesquisa 2017.

Com estas afirmações constatamos resistência na mudança de algumas práticas quando é referente às atividades laborais no campo da agricultura. Observamos ainda que a relação trabalho e meio ambiente por alunos agricultores é um caminho longo a ser percorrido diante das resistências apresentadas.

Além dos dados relativos à observação dos alunos, também foram levadas em consideração informações de seis docentes atuantes na educação de jovens e adultos, buscando compreender a temática ambiental num processo de construção de conhecimentos, valorizando as experiências de alunos trabalhadores no campo da agricultura.

Quadro 3 - Comentários do coletivo de professores envolvidos na pesquisa.

Proposições

Inserção dos conhecimentos na turma da EJA sobre questões ambientais.

Os conhecimentos sobre questões ambientais desenvolvidos na sala de aula.

Exposição dos alunos nas aulas sobre suas experiências de ações de degradação ou preservação ambiental.

Comentários

Conhecimento de acordo a realidade do aluno; vivência; prática do cotidiano; a partir de comentários dos alunos sobre questões ambientais.

Cuidado com o lixo; desmatamento; preservação das matas; preservação dos rios; uso exacerbado de agrotóxicos; conservação das matas ciliares; controle de pragas; queimadas, efeito estufa, aquecimento global.

Compartilham suas vivências e realidades no meio rural; os alunos trás pra sala discurso sobre suas práticas; alguns alunos não compartilham suas experiências.

Fonte: Construídos pelos autores, 2017.

No quadro acima é possível perceber que os professores buscam trabalhar as temáticas referentes às questões ambientais em sala de aula, primando pela realidade de vivência dos alunos, que em sua maioria são trabalhadores rurais. Na produção de dados, realizada junto aos docentes, também foi possível observar através dos seus discursos que eles utilizam as experiências dos alunos, relacionadas à suas atividades laborais diárias, problematizando com a necessidade de preservação do meio ambiente. Observamos ainda que na escola a temática é trabalhada de forma interdisciplinar, havendo uma relação dialógica entre as disciplinas do currículo e as questões socioambientais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou analisar como ocorrem os processos de formação do aluno da EJA, trabalhador rural, estudantes do Colégio Municipal de Cravolândia, numa perspectiva de inclusão e construção de conhecimentos ambientais. Este não tem pretensão de ser palavra findada, mas sim lançar um olhar sobre como tem sido a construção de conhecimentos junto a esses alunos, a relação prática com o trabalho diário e meio ambiente, já que essas implicam na sua condição de vida no seu bem estar e num contexto de múltiplas relações sociais. No campo da escola, (FAFE, 2007) nos diz que essa relação se constrói de forma ética, voltada para a cidadania, quando são considerados temas significativos, assim o aluno desenvolve o diálogo, a consciência e capacidade autônoma.

A garantia de acesso à educação e aprendizagem desses sujeitos é um direito garantido por lei. Mesmo considerando todas as especificidades inerentes a essa modalidade de educação. Na formação desse cidadão precisa contemplar sua realidade social, seus conhecimentos construídos, sua vivência de relação com o trabalho. Dai se estabelece uma relação de inclusão pela educação e aprendizagem com significado.

Refletimos que se o professor assume a postura enquanto educador e acredita em sua liberdade, em seu poder de criação, de crítica, e estabelece uma relação de aprendizagem em colaboração com seus alunos, ambos se aproximariam mais de uma educação respeitosa de si e do meio ambiente, portanto da própria natureza, ampliando assim a própria possibilidade inclusiva, mediante os valores éticos e princípios básicos científicos.

O educador estabeleceu, a partir de sua convivência com o povo, as bases de uma pedagogia onde tanto o educador como o educando, homens igualmente livres e criativos, aprendem no trabalho comum de uma tomada de consciência da situação que vivem. Uma pedagogia que elimina pela raiz as relações autoritárias, onde não há “escola” nem “professor”, mas círculos de cultura e um coordenador cuja tarefa essencial é o diálogo. (Weffort F. C., *In*. FREIRE, P. 1967, p. 26)

Assim fica evidente que o modelo de educação em EJA desempenhado pela escola analisada busca incluir e formar esses cidadãos, homens e mulheres para inclusão social e cidadania, valorizando a oralidade dos sujeitos, sua história de vida, seus conhecimentos prévios, além de informações significativas para a realidade diária com professores habilitados em diferentes áreas de conhecimento, o que facilita a construção de um trabalho que respeite a singularidade desses atores sociais.

A intencionalidade pedagógica da escola é garantir que esses alunos tenham uma educação de qualidade, isso significa proporcionar um diálogo de possibilidades de fazer emergir de dentro do indivíduo o tesouro de humanidade que ele traz consigo, fazendo-o descobrir o sentido daquele encontro pela educação, mediado pelo projeto de práticas de ensino que atendam suas necessidades ao frequentarem as aulas. Uma formação cidadã que entenda a construção de um perfil de homens e mulheres com autonomia e conhecimento, construído a partir da inclusão pelo conhecimento.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** meio ambiente,

saúde/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: 128p. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro091.pdf>. Acessado em 18/07/2017.

DUARTE, Rosália. **Pesquisa Qualitativa**: reflexões sobre o trabalho de campo. Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2002). Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115.pdf>. Acessado em 11